



Entre parentes e lembranças: considerações etnográficas sobre o tomar de conta em meio ao curso de vida em Canto do Buriti-PI

Between relatives and memories: ethnographic
considerations about taking care during the
course of life in Canto do Buriti-PI

Entre parientes y recuerdos: consideraciones
etnográficas sobre el cuidado durante el curso
de la vida en Canto do Buriti-PI

Ana Clara Sousa Damásio dos Santos
Mestranda do PPGAS - Universidade Federal de Goiás
E-mail: anaclarasousadamasio@gmail.com

Apresentação

Para elaborar a dissertação de mestrado, fiz pesquisa de campo no primeiro semestre de 2019, durante três meses, em Canto do Buriti-PI. A pesquisa tinha como objetivo compreender as concepções de velhice e os agenciamentos necessários para o cuidado com o corpo velho. Lá, as mulheres de idade com quem convivi, minhas parentes, usavam as lembranças e o lembrar como mecanismos para ordenar um mundo que não era dominado pela escrita, mas sim pela oralidade. As lembranças são uma forma de evocar tempos e experiências vividas. Lembranças escapam, portanto, é preciso contá-las repetidas vezes como forma de não esquecer o costume de Canto do Buriti. Como denomina Nathan Virgílio (2018), as lembranças surgem da necessidade de organizar acontecimentos vividos e que só são contados por que de alguma forma marcou o corpo que conta. A rigor (BOSI. 1994), não há como ignorar o tratamento da memória como fenômeno social, pois as lembranças que emergem de um indivíduo estão demarcadas por todo um contexto relacional e localizado com “a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (p. 17).

Assim, as fotografias acionam um contexto em que se pode acompanhar, através da minha narrativa imagética, um imbróglío que mobiliza imagens e concepções sobre velhice, higiene, autonomia, individualidade e as disputas sobre o controle do sujeito velho através das histórias de vida da minha avó. Como aponta Suely Kofes (1994), as histórias de vida podem ser consideradas “interpretações individuais de experiências sociais”. Nesse contexto, a narrativa é de uma mulher que após “cair para a idade”, ficou dependente do “tomar de conta” das filhas que estavam no mundo (São Paulo e Brasília), tendo então que largar suas origens e adentrar esse mundo. Dessa forma, episódios como esses apontavam os interstícios, as fragilidades e vulnerabilidades das possibilidades de autonomia da pessoa idosa. As fotografias foram produzidas com Câmera Canon – EOS T6i com lente Canon EF-S 18-55mm e os ajustes de cor, saturação e brilho foram realizados com o editor para fotografias Photoshop.



Fotografia 01:

Ao fotografar minha avó e escrever sobre ela, conseqüentemente conto, a partir das fotografias, histórias sobre mim. Não havia, como percebi, uma forma de me retirar do texto-fotografia e era necessário deixe-me ser “afetada” (SAADA, 2005). Ao mesmo tempo em outros momentos eu me encontrava “superafetada” com a sobreposição dos papéis que eu assumia em campo. Esses, acabavam resvalando em transformações a níveis etnográficos, mas também em mudanças radicais sobre minha concepção de parentesco. Essas mudanças vieram com as transformações narrativas que eu causava na minha família ao descobrir “segredos”. Em outros momentos precisei me retirar das discussões e me proteger dessa “superafetação”, pois comecei a sofrer com as confusões causadas pela pesquisa quando vi meu campo tomando contornos que eu não sabia guiar, administrar ou controlar. Em outros momentos, não fui afetada nem tampouco “superafetada”, visto que era apenas um churrasco de família no domingo. Nesses momentos de reunião familiar, eu pensava que a vida tinha dessas coisas (confusões, recriação de narrativas familiares, conflitos), e que nem todo campo compartilha desses mesmos questionamentos. Foto: Ana Clara Damásio, 2019.



Fotografia 02:

As *lembranças* são responsáveis pelos momentos que denominei de “remontar tempos”. Enquanto caminhávamos pela cidade ou nos sentávamos em suas varandas, minhas parentes-interlocutoras não contavam suas histórias em ordem cronológica e linear, pois os tempos das *lembranças* não eclodiam assim no *lembrar*. Quando contavam, olhavam para determinado lugar e começavam a remontar uma outra cena, vislumbrando aspectos do espaço que não estavam ali no presente (como o muro que bloqueava a paisagem do horizonte). Foto: Ana Clara Damásio, 2019.



Fotografia 03:

Com o tempo de campo, percebi que as imagens apenas coloridas ou em preto e branco não eram suficientes para contar visualmente o que minhas parentes-interlocutoras contavam oralmente. Elas levavam-me a ver tempos que se mesclavam, se sobrepunham e coexistiam em uma mesma varanda ou caminhar. Assim, essa maneira de “remontar tempos” passou a ser transposta para a minha forma de *contar* e *lembrar* imagetivamente onde tempos (cores preto e branco com algumas partes coloridas) se misturam. Foto: Ana Clara Damásio, 2019.



Fotografia 04:

Dessa forma, entre esses “*véis*” e “*véias*”, parentes-interlocutores ou não, eu me encontrava enquanto alguém que contava histórias que me foram contadas, mas em forma de fotografia. A arte em escutar essas mulheres e homens que nasceram entre as décadas de 1950 e 1960 era a possibilidade de vislumbrar experiências e tempos que me escapavam, assim como perceber que “contar histórias sempre foi à arte de contá-las de novo, e elas se perdem quando as histórias não são mais contadas” (BENJAMIN, 1994, p. 205). Essas histórias deixarão de ser contadas, essas *lembranças* deixarão de ser lembradas e ouvi-las e cristalizá-las em um texto-fotografia talvez contribua com a possibilidade de que elas não sejam esquecidas, mas possam ser acessadas e, quem sabe, contadas novamente. Foto: Ana Clara Damásio, 2019.



Fotografia: 05:

A atuação do campo não ocorre apenas sobre “nossos conhecimentos antropológicos, mas também sobre nossa própria subjetividade” (SILVA, 2007, p. 252). Nesse sentido, a minha subjetividade foi sendo alterada pouco a pouco pelo campo e por tudo aquilo que tenho refletido e incorporado as minhas próprias reflexões visuais. E assim, a partir das narrativas ouvidas e experiências vividas, as fotografias foram o resultado de um exercício contínuo de escutas geradas por “sensibilidades geracionais” (HENNING, 2014). Essas, estariam atreladas intimamente as “temporalidades” experienciadas pelos indivíduos em seu contexto político, social, histórico, identitário, afetivo e erótico. Foto: Ana Clara Damásio, 2019.



Fotografia 06:

Mandar os filhos pro *mundo* ainda muito *meninos* para tentar melhores condições de *vida* era contar com a possibilidade de que eles pudessem querer não voltar. Nenhum dos três *filhos-homem* ou das *quatro filhas-mulher* da minha avó quiseram retornar para a cidade. Alguns diziam que poderiam voltar para a cidade depois que “sair a aposentadoria”. A ideia de “cuidar” e *tomar de conta* são similares e concomitantemente relacionadas as *filhas-mulher*. Foto: Ana Clara Damásio, 2019.



Fotografia 07:

Depois dos 70 anos de idade foi a vez da minha avó ir para *o mundo* (Brasília). Esse *mundo* pode ser considerado tudo o que não é Canto do Buriti ou, no caso da minha avó, sua cidade de *origem*. Foto: Ana Clara Damásio, 2019.



Fotografia 08:

Minha avó queria levar doce de buriti, pimenta de cheiro, abóbora, doce de leite, carambola e mel para nossas parentes em Brasília. Comprei tudo na feira e voltamos com as malas cheias para distribuir. “Em outros tempos eu levava mais, agora só dá pra levar esse tiquinho”, ela me disse. Apenas eu carregaria as malas, por isso ficávamos limitadas a minha força física para levar tudo até Brasília. Lambu, sua vizinha, visitou minha avó um dia antes de partirmos e disse: “Já tá indo embora pra Brasília, Dona Nita?”. Minha avó sorrindo, respondeu: “Não, tô indo viajar. Eu volto!”. Ainda nas escritas dessas linhas, minha avó não havia voltado e continuava então sua viagem no *mundo*. Foto: Ana Clara Damásio, 2019.

Referências:

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; vol. 1)

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n.13, pp. 155-161, 2005.

HENNING, Carlos Eduardo. *Paixões, Tiozões, Tias e Cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Unicamp, Campinas, 2014.

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais. *Cadernos Pagu*, 3, pp. 117-141, 1994.

SILVA, Kelly. O poder do campo e o seu campo de poder. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Orgs). *Entre Saias Justas e Jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNIS, 2007.

VIRGÍLIO, Nathan. *Pensa que é só dar o de-comer? Criando e pelejando com parente e bicho bruto na comunidade do Góis-CE*. Dissertação pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018.

Recebido em 19 de maio de 2020

Aceito em 09 de setembro de 2020